

Teatro de Letras

Com o seu novo livro, “Para Cima e Não Para Norte”, Patrícia Portela reforça a ligação com o teatro, numa história de fantasia que nos fala de geometria, terrorismo, mediatização e ambição de conhecimento. Tudo embrulhado num grafismo de soltar amarras.

| **Patrícia Portela** |

Tem 34 anos. Publicou “Operação Cardume Rosa”; “Se Não Bigo Não Digo” (ambos na Fenda); “Odília ou a história das musas confusas do cérebro de Patrícia Portela” (Caminho) e “Escudos Humanos” (Culturgest). Fez o curso de realização Plástica do Espectáculo e esteve no Teatro da Garagem, O Olho e Projecto Teatral. Escreveu diversas peças, como one spoke, one smoked, one died; Operação Cardume Rosa; T5; Banquete ou a Trilogia Flatland. Recebeu os prémios ACARTE/Madalena Azeredo Perdigão; Revelação de teatro pela Associação de Críticos de Teatro Portugueses e Navegadores Portugueses 94 de BD, pelo CNC.

Não deixa de ser irónico que uma conversa sobre um personagem bidimensional que vive no mundo das letras e aspira a ter volume só tenha sido possível por correio electrónico – e de fugida. Não deixa de ser irónico que um dos vectores fundamentais do livro seja uma cena passada num teatro; é também num teatro que Patrícia Portela (autora de “Para Cima e Não Para Norte”, o seu novo livro publicado na Caminho – ver crítica nesta edição) estava há dias, fechada, não por sequestro, mas na recta final da preparação de um espectáculo, “Anita Vai a Nada”, no Teatro Viriato, em Viseu.

Bom, vamos a isto. Como já se disse, o protagonista do novo livro de Patrícia Portela é o Homem Plano, um ponto, que vive num mundo sem volume, desliza por entre as letras, percorre as páginas e, um dia, descobre um Mundo Espacial, que o fascina e ao qual quer ascender. Chamar-lhe romance (tendo até em consideração a forma como está paginado, repleto de invenção gráfica e apelos visuais) poderá parecer limitativo. «De acordo com o dicionário de língua portuguesa, romance é: fábula; conto; narração inventiva; tipo de poema singelo e tocante; enredo; coisas imaginárias; objecto ou caso real tão extraordinário que parece fruto da imaginação. Mas, por exemplo, no cinema, ou mesmo na vida real, um romance pode ser um episódio de amor complexo ou extraordinariamente apaixonado. Para o mundo real do Homem Plano facilmente um romance poderá ser algo entre uma quimera, uma utopia e um mundo espacial. Este livro é SOBRETUDO uma homenagem à linguagem, à criação e à existência de tudo e de todos através da linguagem, ao movimento que a linguagem cria nas coisas, nas formas, no mundo e em nós», sintetiza a autora.

FEITO DE OUTRAS LETRAS

O livro assume influências de obras como “Flatland — Uma Aventura em Muitas Dimensões” (Edwin A. Abbott; Assírio & Alvim), “As Mil e Uma Noites” ou “O Paradoxo Sobre o Actor” (Denis Diderot; Hiena), contudo, podemos imputar-lhe facilmente outros alimentos literários, como as ‘Alices’, de Lewis Carroll ou “A Alegoria da Caverna”, de Platão (onde se ascende aos objectos mas já não se admite retroceder às sombras) – as considerações do Homem Pla-

no sobre a luz, as sombras e a sua aprendizagem fazem lembrar este texto filosófico, também aqui espreita uma noção de conhecimento irreversível.

«No fundo o Homem Plano sofreu um processo de centrifugação para tentar compreender um mundo que não era o dele. Para Platão, as ideias e as imagens das ideias são dois opostos. No entanto, para o Homem Plano, as sombras são as ideias e as imagens das ideias são as letras, ou seja, o seu mundo. Este livro é escrito na voz de um homem plano, como se este nos visse a nós, homens espaciais, pela primeira vez, por outro lado, esta história fala do que nós homens espaciais, pensamos sobre o mundo plano, o mundo da linguagem», replica Patrícia.

O livro, como muitos outros, naturalmente, tem uma história: «começou como um projecto de uma conferência sobre dimensões e sobre labirintos apresentada no self-service do Acarte, num belo domingo à tarde, depois de 6 meses de estudo e pesquisa em Antuérpia, sobre performance e teatralidade. Foi nessa altura que apareceu o Abbot, o James Bond e o Jeremy Bentham e as suas teorias sobre vigilância (e, porque não, auto-vigilância?). Foi também nessa altura que o terrorismo recuperou em grande força as primeiras páginas dos jornais», recorda.

O TERROR AMPLIADO

O terrorismo é aqui um vector-chave, mediante algo que nos surge a páginas tantas, um episódio de um sonho quer não é mais do que o sequestro ocorrido num teatro moscovita, pela mão de guerreiros chechenos, em 2002. Somos então confrontados com uma enorme dose de realismo, como se nos fosse explicado que, afinal, sempre estivemos a ler sobre coisas reais. Patrícia não o fez por acaso, «é intencional. Se nos mantivermos na lógica da máquina de lavar roupa, seria o momento em que se torce a roupa para o lado contrário da história. O sonho do Homem Plano é a nossa realidade e vice-versa, no entanto, o mundo plano é que constrói a nossa realidade e a nossa realidade é que constrói a fantasia do mundo plano».

O episódio incorporado ganha ainda maiores contornos simbólicos – mesmo na tentativa de ritualização, ou consciencialização dos mais banais actos do quotidiano – se tivermos em conta que «muitos dos espectadores que estavam então no teatro não se aperceberam, no início, de que tudo aquilo a que estavam a assistir, a entrada em cena de homens fardados e armados, não fazia parte do

TEXTO

João Morales

FOTOS

Homem Plano/
Homem Espacial

espectáculo», realça Patrícia Portela. Do espectáculo oficial, apetece provocar, já que a linha entre ficção e realidade foi, como muitas outras vezes, violada pelo próprio devir dos acontecimentos.

VER E SER VISTO

Há uma articulação entre o Homem Plano e o Homem Espacial, como se um, fosse observador, e o outro, protagonista. Mas, na vida diária, não seremos nós, demasiadas vezes, meros observadores? A resposta remete para uma certa dualidade; dialéctica até. «Sim, e não. Se calhar somos demasiado observadores, ou melhor, se calhar participamos muitas vezes julgando que somos meros observadores, e desconhecendo que estamos a participar. Observar é uma acção que pode implicar consentimento, aceitação, interesse, curiosidade, aceitação. Observar também implica reflectir, pensar, julgar, ter uma opinião sobre. Sim, somos demasiadas vezes observadores passivos, somos poucas vezes observadores activos».

Voltemos ao tópico do terrorismo. Tal como se passa no teatro, e da mesma forma que o Homem Plano só existe se for visto, o terrorismo só “funciona” quando mediatizado. O acto em si necessita de espectadores para ser válido, para existir e surtir consequências. «Sim, o terrorismo não existe se ninguém assistir ao acto terrorista, não causa efeito se não sair nos jornais. O mesmo acontece ao Homem Plano: se ninguém olhar para ele não existe», compara.

Com uma actividade regular no mundo do teatro, é natural que esta contamine o percurso de Patrícia Portela nos livros, na palavra impressa. E vice-versa, como deixa perceber a sua reposta sobre este aspecto. «A escrita sempre foi o caldeirão da minha actividade teatral. Mesmo que o resultado final não incluía uma

«UM LIVRO
TEM PÁGINAS,
TEM FOLHAS,
TEM CHEIRO,
TEM VOLUME,
TEM IMAGENS,
ATÉ TEM SOM
(QUANDO A PÁGINA
VIRA), É UM OBJECTO
COMPLETO»

única palavra ou imagem, é sempre o texto e o desenho que iniciam todos os processos criativos. O espectáculo que fiz, O Homem Plano, é como se fosse a parte 3D do livro».

O PODER DA PALAVRA

O Homem Plano diz-nos também, sobre os Homens Espaciais (todos nós, como já se percebeu): “você precisam do Mundo Plano para reduzir o Espaço a um tamanho passível de ser possuído. Acessível”. A escrita é essa dimensão criativa, que tudo permite...

«Sim, a escrita é essa dimensão criativa, essa capacidade de construir, limitar, registar, apropriar (ou mesmo roubar) mundos. Tudo aquilo que não é perceptível através do olhar ou de qualquer outro sentido, é sempre possível atingir ou tocar através da linguagem», desmistifica. Linguagem essa que adquire várias matizes, dentro e fora dos arquétipos mais vulgares ou outros reservados a iniciados. Em algumas partes do texto, mais do que um poema, parece estarmos perante uma forma alquímica, ou um mantra. « Todo o texto é sobre os processos de transformação: a sua duração, a sua cadência, os seus ingredientes, componentes e possíveis resultados: a Representação em espaço; a Luz em projecção e imagem; as Fórmulas em ouro; as Ideias em formas; as imagens em mundos», enumera.

UM LIVRO COMPLETO

Em diversas partes do livro o tratamento gráfico remete para a estética dos futuristas, ou também da poesia visual, poesia concreta. Estes movimentos tiveram, certamente, alguma importância na sedimentação da linguagem da autora. Porém, é, mais uma vez, a concepção global que o teatro implica a grande responsável pela forma como encara, não só o acto da escrita, como o seu resultado palpável, o livro como objecto.

«A minha formação em cenografia e artes visuais tornou-me numa pessoa com uma relação “espacial” com tudo. Vejo este livro como um livro inteiro, e não só um grupo de páginas cheias de palavras que contam uma história. Um livro tem páginas, tem folhas, tem cheiro, tem volume, tem imagens, até tem som (quando a página vira), é um objecto completo. Na época da Internet, mais do que nunca, é necessário olhar para cada objecto e usá-lo, saboreá-lo, apreciá-lo com tudo o que ele pode ser, física e mentalmente», desafia-nos Patrícia. Por escrito, como já se confessou, logo no início. ¶

| **Ilusão** | «Participamos
muitas vezes julgando que somos
meros observadores»

